



Tecnologias digitais como instrumentos de cooperação e de ensino/aprendizagem

2019

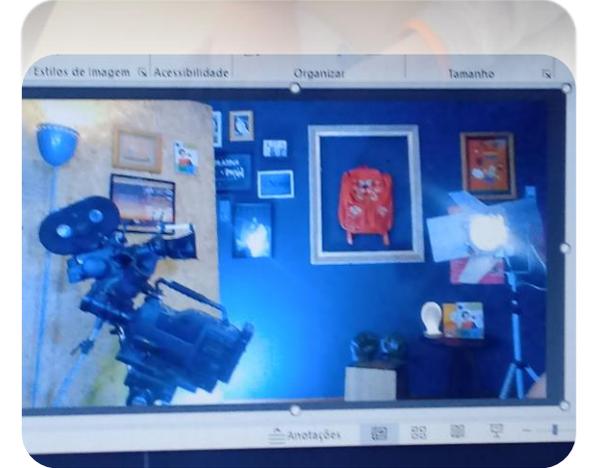
Esp. Daniela Haetinger
Prof. Dr. Max G. Haetinger

Daniela Haetinger é educadora Especialista em Moderna Educação - Metodologia, Tendências e Foco no Aluno (PUCRS), Especialista em Informática na Educação (UFRGS), designer instrucional, desenvolvedora de metodologias educacionais e de objetos de aprendizagem.

Max Gunther Haetinger é Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, em Portugal. Mestre em Educação, Especialista em Criatividade, Especialista em Tecnologias Aplicadas na Educação, psicopedagogo, palestrante e autor de vários livros. Visite o site www.maxcriar.com.br e o canal www.youtube.com/user/maxcriar

“A era eletrônica, que sucede à era tipográfica e mecânica dos quinhentos últimos anos, coloca-nos face a novas formas e a novas estruturas de interdependência humana.”

Marshall McLuhan



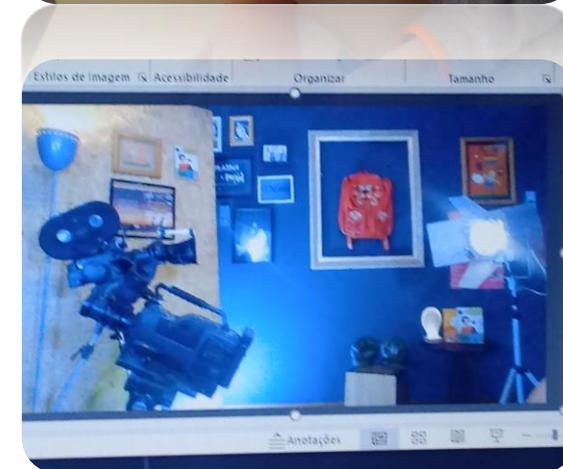
Marshall McLuhan definiu que “o meio é a mensagem”, entre outras expressões mundialmente conhecidas como “aldeia global” e “impacto sensorial”, estas especialmente relacionadas ao impacto dos meios de comunicação na percepção e nas sensações humanas. Precursor dos estudos midiáticos, teve a obra difundida a partir de publicações nas décadas de 1960 e 1970. Suas ideias inovadoras nos estudos de teoria da comunicação ganham novo fôlego e realmente se concretizam com o advento das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Para McLuhan, as tecnologias de comunicação funcionam como extensões das sensações humanas. Temos hoje a Web como a maior extensão dos sentidos e da consciência coletiva, um espaço livre que interconecta uma imensa quantidade de ideias, conhecimentos, produtos e obras, um espaço onde pessoas interagem, produzem, publicam e veiculam – qualquer pessoa e para o mundo inteiro, independente dos grandes conglomerados de comunicação.

Por décadas, a televisão destacou-se como meio artificial de comunicação capaz de envolver múltiplos sentidos e de mostrar em tempo real o que acontecia em diferentes lugares do planeta. Pela TV os espectadores passaram a perceber o mundo como uma grande aldeia global, mas o poder de interatividade, de ação direta do sujeito sobre a informação ainda era muito precário ou quase nulo - na prática, o máximo que podíamos fazer era trocar o canal ou desligar a TV.

Hoje, a produção e a divulgação de informações ultrapassaram as mensagens unilaterais da antiga televisão. Os antigos espectadores da aldeia são agora interagentes, contam com meios e recursos tecnológicos para produzir, distribuir e replicar qualquer conteúdo. A aldeia vislumbrada por Macluhan tornou-se realmente global e potencialmente democrática.

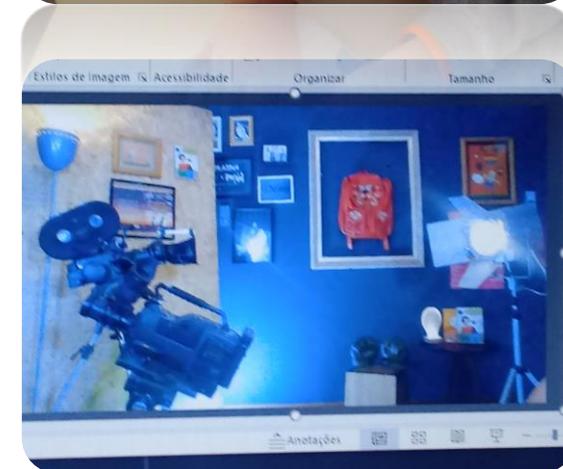
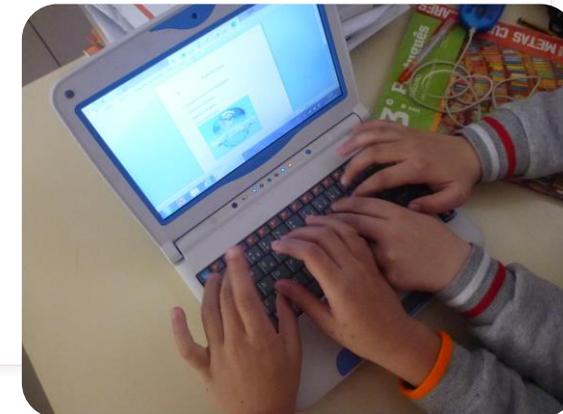
Trafegando via internet, a informação circula de modo não hierárquico, dá-se em todas as direções e todos somos interagentes. Além de escolher a informação a ser acessada, a mobilidade oferecida pelas atuais tecnologias digitais nos permite escolher quando e onde acessá-la. Escolhemos como desejamos perceber o mundo, como queremos ser vistos, produzimos conteúdo autoral e compartilhado com milhares de pessoas. Nossos conhecimentos, culturas e linguagens dialogam, tornaram-se amplamente acessíveis e navegáveis com a difusão da internet e o uso de tecnologias digitais como tablets, smartphones, iphones, ipads, aplicativos, mídias sociais, etc.



Segundo os dados de 2018, divulgados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), nosso país tem 42% de domicílios com computador, mais que o dobro disso com telefone celular (93%), e 67% das residências com acesso a internet. Individualmente, os usuários de internet chegam a 76%. As tecnologias digitais ganham a cena na sociedade, em todos os aspectos da vida, incluindo a educação.

Escolas e professores despertam para uma nova sala de aula, mais viva e interativa, que conversa com as linguagens das novas gerações e conseguem mobilizá-las a aprender num espaço-tempo definido e institucional (a escola), enquanto as juventudes alcançam qualquer informação e vive inúmeras experiências comunicativas, sensoriais e cognitivas, tudo na palma da mão, em qualquer lugar, a qualquer tempo, em suas próprias telas, com quantas pessoas quiserem.

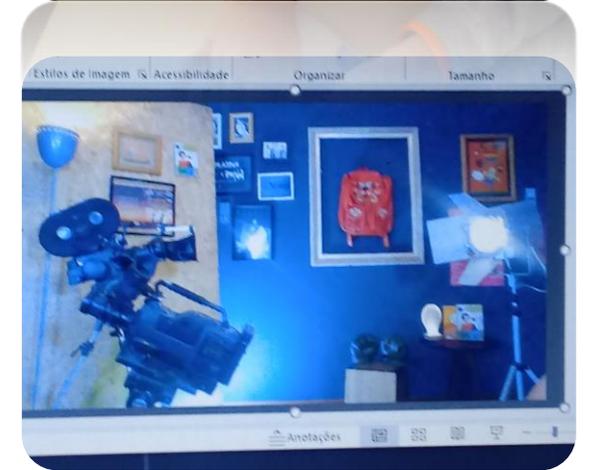
Ser educador de uma geração ligada e conectada passa pela inclusão digital e pela renovação da abordagem pedagógica, da transmissão do conhecimento para um construir e aprender em contínua cooperação. A multiplicidade de linguagens e suportes de informação converge com o diálogo da escola com vida, tendo-se nesse processo o professor como mediador, quem convida, desperta interesses e colabora com as descobertas.



As tecnologias digitais da atualidade nos permitem criar e compartilhar conteúdos e vivências na rede de computadores, e daí o enorme potencial dessas ferramentas e recursos nas experiências sociais, de inclusão, formação de laços, opinião e de aprendizagem. Ferramentas de registro, busca, memória, de autoria e coautoria, de troca, etc., com poder de criar espaços onde os participantes podem ver e ser vistos, publicar e opinar, o que representa alto poder de interatividade, sincronicidade e participação em múltiplas realidades. Imagine essa cultura digital como meio de se compartilhar valores e orientada ao protagonismo do aluno!

Ferramentas não faltam: blogs, Twitter, Facebook, Instagram, Skype, WhatsApp, Google, Youtube, Vimeo, Wiki, Moodle, Slideshare e tantos outros recursos gratuitos ao alcance, para serem bem explorados por pedagogias ativas. Alunos e professores produzindo, dialogando, ensinando e aprendendo, revisitando e ampliando seus conhecimentos, suas produções, histórias e linguagens, seus valores e culturas, tudo registrado e acessível em topografia digital, numa linha de tempo e espaço flexíveis, formada e ampliada em cooperação. Essa construção coletiva, a atuação recíproca e complementar, a reinterpretação e a ressignificação das produções e postagens, por exemplo, tudo contribui com um ambiente dialógico, cooperativo e de aprendizagem.

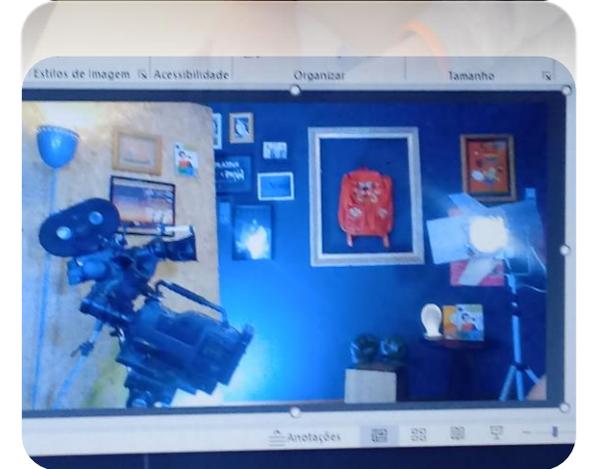
As crianças e os jovens em idade escolar utilizam as tecnologias digitais com muita facilidade. Os chamados "nativos digitais", nascidos a partir dos anos 1990, cresceram cercados por essas tecnologias. Navegam como ninguém na internet, dominam intuitivamente os apps, sem medo de clicar e descobrir, sem medo de errar, à frente de quem ainda não se atualizou aos novos tempos de cultura digital.



Os analfabetos e imigrantes digitais estão até hoje remando para se adaptar às novas mídias e ao ciberespaço, porque aprenderam a lidar com a informação e o conhecimento de outro modo - são do tempo da enciclopédia, dos materiais impressos e do telefone com fio, tendem a fazer ou analisar uma coisa de cada vez, pensam mais antes de agir e demoram nas decisões, por exemplo. Enquanto os nativos digitais multitarefa usam simultaneamente várias telas abertas e a internet e mídias digitais como fonte de informação, criação e compartilhamento. E eles adoram compartilhar tudo o que fazem e descobrem.

No século XXI, a mediação pedagógica exige um olhar atento para as novas gerações, suas culturas, sua diversidade e o uso das tecnologias digitais como instrumento de cooperação e aprendizagem nas atividades regulares da escola, em todos os níveis de ensino. E o educador não precisa ser um especialista em informática, internet ou mídias sociais. O que não souber ele aprende com os alunos, seja explorar um novo programa ou plataforma, rede social, seja fazer vídeos no celular ou gravar e editar músicas, apresentações e compartilhamentos.

Uma mediação pedagógica bem planejada, com intencionalidade clara, tem muito mais importância que o domínio técnico sobre as tecnologias digitais. O papel do professor é reconhecer e valorizar o perfil e as qualidades de cada aluno e aluna do seu grupo, bem como as características das ferramentas disponíveis e, a partir disto, elaborar o uso da tecnologia em sua sala de aula, planejando atividades significativas aos estudantes, orientadas pelo princípio da cooperação, da interconexão, do reconhecimento e apoio mútuos no processo de ensino/aprendizagem.





“Comunicação, diálogo, interconexão, socialização, compartilhamento, cooperação, tudo isso constrói e reflete a vida em rede, pressupõe afeto, trocas, o despertar e o reconhecer interesses, manifestações de vontades, diversidade de opiniões, reciprocidade, tudo isso potencializa a aprendizagem em qualquer ambiente ou modalidade de ensino”.

Trecho de entrevista com a educadora Daniela Haetinger, publicada no jornal *Folha Dirigida*, Caderno de Educação, edição de 31 de junho a 6 de maio de 2012.